

R E S E N H A

## Relatos da Presidência

Porta-vozes contam história e constroem memória

André Singer, Mário Hélio Gomes, Carlos Villanova, Jorge Duarte (orgs.).  
*No Planalto, com a imprensa: entrevistas de secretários de Imprensa e porta-vozes de JK a Lula.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Ed. Massangana; Brasília: SECOM, Presidência da República, 2010.

**Teresa Palazzo Schmitt Filardo**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação  
em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

**Gilda Boruchovitch**

Professora e jornalista.

Com o objetivo expresso de preservar a memória institucional da Secretaria de Imprensa da Presidência da República, os organizadores do livro apresentam um conjunto de entrevistas realizadas com aqueles que desempenharam os papéis de secretário de Imprensa e/ou porta-voz da Presidência da República desde o governo de Juscelino Kubitschek até o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Para ilustrar cada momento

histórico descrito, André Singer, Mário Hélio Gomes, Carlos Villanova e Jorge Duarte também oferecem ao leitor uma seleção de imagens editadas pelo fotógrafo Orlando Brito.

O livro é editado em dois volumes que somam mais de novecentas páginas. Cada entrevista representa um capítulo, sendo este aberto com uma imagem do entrevistado, em serviço, ou com uma imagem

significativa do respectivo período histórico, acrescida de uma frase expressiva do secretário e/ou porta-voz e de uma pequena biografia do protagonista do capítulo. A ordenação das entrevistas segue as sucessões no comando da Secretaria. Além da imagem em cada capítulo, ao final de ambos os volumes encontra-se uma sequência de fotografias, dispostas cronologicamente, referentes às presidências cobertas no respectivo tomo.

A apresentação do trabalho é elaborada por André Singer, que justifica a iniciativa da coletânea e esclarece que “o propósito de resgatar, do modo mais completo possível, a memória da constituição da Secretaria de Imprensa e das atividades dos porta-vozes da Presidência da República” (v. 1, p. 7) estimulou a decisão de se incluir, sem omissões, todo o período de 1964-1989. Ademais, Singer ressalta que todos os textos foram publicados com a aprovação expressa dos respectivos entrevistados, deixando, assim, para estes a responsabilidade pelas opiniões, informações e interpretações proferidas. Após a apresentação, e antes de as entrevistas serem expostas, Jorge Duarte conta o desenvolvimento da relação entre governo e imprensa durante os anos republicanos que antecederam o governo JK, em ensaio intitulado “Gabinetes de Imprensa da Presidência da República: da Proclamação às vésperas do golpe”.

As entrevistas foram realizadas em junho e agosto de 2005 por Jorge Duarte, que “optou por ser, ao mesmo tempo, abrangente e flexível, de modo a funcionar, so-

bretudo, como um facilitador do relato que o entrevistado quisesse fazer” (v. 1, p. 8). Nem todos os secretários e/ou porta-vozes aceitaram conceder entrevistas, como foi o caso do general José Maria de Toledo Camargo, que esteve à frente da área entre 1977 e 1978, durante o governo Ernesto Geisel, e da jornalista e chefe da Secretaria de Imprensa, entre 1995 e 2002, no governo Fernando Henrique Cardoso, Ana Tavares de Miranda. Outros nomes da história da Secretaria de Imprensa, como Raul Ryff, Danton Pinheiro Jobim, Heitor Herberto Sales, Heráclio Assis de Salles, José Wamberto Pinheiro, Oséas Martins, Rubem Carlos Ludwig e Carlos Castello Branco não constam do rol de entrevistados porque já haviam falecido quando do início do projeto de elaboração da obra.

No contexto da flexibilidade, as entrevistas não apresentam extensão estandardizada, variando de 13 a 92 páginas. No mesmo sentido, Duarte não adotou perguntas padronizadas, de forma a se notar, de fato, uma condução abrangente e, ao mesmo tempo, atenciosa para com cada uma das vinte e quatro personalidades entrevistadas, cada presidente em questão e cada momento histórico. Somando-se a isso, pode-se afirmar que nenhuma pessoa ou nenhum fato histórico citados nos relatos escapam de notas explicativas. Mário Hélio Gomes as elabora para contextualizar as citações e facilitar a compreensão de alguns comentários dos entrevistados.

Para além da descrição das atividades dos(as) secretários(as) e/ou porta-vozes,

as falas desses indivíduos, nas entrevistas, não estão mais revestidas da função que outrora exerceram. Os entrevistados falam, sim, de um lugar privilegiado da história nacional, mas, agora, com liberdade e autonomia para contar episódios inusitados, revelar passagens surpreendentes, interpretar os atos, os fatos e as pessoas a seu modo. Embora haja lacunas decorrentes da falta de algumas narrações, em vista dos falecimentos ou recusas, não se pode dizer que existam impedimentos para dar uma sequência coerente aos fatos relatados. Imagina-se, contudo, que a presença de tais depoimentos enriqueceria ainda mais a obra.

**M**esmo que se encontrem contradições quando do co-tejamento dos relatos, do ponto de vista histórico, as entrevistas se revelam testemunhos excepcionais, pois cada secretário tem a chance de detalhar acontecimentos marcantes para a história nacional. Um exemplo disso é o momento da criação do ato institucional n. 5. Além de contar a conversa entre os políticos que decidiam sobre seu estabelecimento, reproduzindo os diálogos – “O Costa e Silva diz: ‘Bem, o que vamos fazer?’ Os generais todos pressionando: ‘Tem que ser um ato, tem que fechar’” (v. 1, p. 68) –, Carlos Chagas narra como foi conviver com a censura do ato, sendo jornalista e colunista de política de *O Globo*: “Vamos falar a verdade, não foi só *O Globo*, todos os jornais encolheram. Era um regime em que qualquer coronel, qualquer cabo

corneteiro podia entrar na redação e dizer: ‘Está fechado!’” (v. 1, p. 70), e como foi aceitar o convite para desempenhar o papel de secretário de Imprensa em pleno regime militar: “Imagine que fim de semana eu passei. Primeiro, ter que mudar de cidade; segundo, ser secretário de Imprensa de uma ditadura” (v. 1, p. 72).

Outro exemplo da rica contribuição da obra para a nossa história é a narração de Antonio Britto, secretário e porta-voz no período emblemático da reabertura do país para a democracia. O Brasil estava buscando fechar um ciclo sombrio, tendo na eleição de Tancredo Neves, mesmo que indireta, uma perspectiva de luz para o país, quando surgiu um perigo institucional: o novo presidente poderia não assumir o cargo por motivos de saúde. Diante do inesperado, os olhos militares voltavam a mirar a cadeira presidencial. Britto chegou, ainda jovem e sem experiência na função, para ser “o porta-voz de uma crise”, nas palavras de Duarte (v. 2, p. 16). Com muitos detalhes, o ex-porta-voz narra os momentos de confusão, angústia, medo e incerteza que tomaram conta do país naqueles dias, revelando que, antes mesmo da oficialização da democracia, já se desenhava o novo papel da imprensa e se engendravam as novas demandas da sociedade. Em seu relato, comenta sobre sua emoção controlada, mas exposta em seus olhos, quando dos pronunciamentos sobre a saúde de Tancredo Neves e especialmente do anúncio de sua morte: “Quando descí para ler a notícia da morte

do presidente, jurei para mim mesmo que não ia me descontrolar. Acho que você não tem o direito, diante do país, de cair em lágrimas e se descontrolar” (v. 2, p. 25).

Para o jornalismo, a obra contribui para possíveis esclarecimentos quanto à função de assessor de imprensa. Durante o regime de exceção, muitos jornalistas ocuparam, simultaneamente, cargos nas redações e nas assessorias públicas. Alguns dos secretários de Imprensa da Presidência da República, como José Wamberto, Carlos Chagas, Marco Antonio Kraemer e Alexandre Garcia, eram jornalistas. O expediente dos comandantes do regime militar de empregar jornalistas de redação em sua Secretaria de Imprensa ou em algumas assessorias públicas costuma ser visto como uma contribuição negativa do regime para a profissão de assessor de imprensa. A questão era: como tais jornalistas assegurariam que estavam trabalhando a serviço do leitor e, ao mesmo tempo, a serviço de seu assessorado? Muito da má vontade de repórteres, editores e outros chefes na hierarquia das redações para com assessores de imprensa à época, e ainda hoje, com menos intensidade, se explica por essa questão histórica. Dessa forma, *No Planalto, com a imprensa* colabora para aclarar, se não todos os outros tipos de assessores, pelo menos o papel de secretário de Imprensa da Presidência da República, desmitificando-o, visto que os entrevistados jornalistas (com exceção de José Wamberto) expõem suas motivações pessoais para aceitar tal empreitada.

Além de jornalistas, escritores, cientistas sociais, psicólogos, advogados, agrônomos, médicos, publicitários, diplomatas e militares também exerceram a função de secretário de Imprensa e/ou porta-voz dos vários presidentes cujos mandatos foram abordados na obra. Seus depoimentos demonstram que, ao atuarem como responsáveis pela relação entre a Presidência e a imprensa, estavam plenamente conscientes de sua importância e obrigação, buscando facilitar o relacionamento da imprensa com o poder e desdobrando-se entre sua fidelidade ao presidente da República e a necessidade de divulgar os fatos e informar corretamente a sociedade, como se pode constatar nas palavras de Ricardo Kotscho, secretário de Imprensa de Lula, de 2002 a 2004: “O meu grande problema sempre foi conciliar os interesses do governo, do presidente e da imprensa” (v. 2, p. 428).

Em vista do que é hoje a Secretaria de Imprensa da Presidência da República, a obra é, sem dúvida, um testemunho da evolução da instituição. Em primeiro lugar, os relatos colhidos confirmam que a estruturação dos cargos envolvidos na máquina do Estado vem se tornando mais complexa ao longo dos anos, pois na medida em que a sociedade identifica novos conflitos e necessidades, novos paradigmas vão surgindo, levando à criação de dispositivos que solucionem as divergências e atendam as carências. Em segundo lugar, ao se progredir na leitura das entrevistas, constata-se que todo o aparato comunicacional da Presidência da República vem

acompanhando o desenvolvimento das estratégias de comunicação empresarial/política, que, somadas ao avanço colossais da quantidade dos meios de comunicação e das tecnologias de suporte, tornaram inevitável a sofisticação da função e da área de comunicação como um todo. O que no início do período republicano era apenas colaboração de dois especialistas em imprensa – Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa –, hoje, 2012, é uma estrutura com status de ministério: a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM/PR). Além da Secretaria de Imprensa da Presidência da República (SIP), também estão subordinados à SECOM um chefe de gabinete, uma secretária executiva, um porta-voz, dois secretários adjuntos de imprensa, um assessor para relações com a imprensa nacional, um diretor para a imprensa regional, outro diretor para a imprensa internacional, um diretor de produção e divulgação de imagens, um assessor do *blog* do Planalto, um assessor especial da Coordenação-Geral de Análise, Planejamento e Avaliação, um coordenador-geral de produção e divulgação de informações (*site*), um diretor do Departamento de Apoio Operacional e Administrativo, um assistente do setor de credenciamento, um coordenador operacional de eventos, um coordenador de videofusão e um chefe de divisão de áudio.

A edição de imagens feita por Orlando Brito é primorosa. A começar pelas fotografias selecionadas para estampar a capa dos dois volumes, que retratam o início e o fim do período coberto pelas entrevistas, as fotos

enriquecem a obra por apresentarem outra linguagem. Por meio da linguagem visual, percebe-se um acréscimo substancial ao teor dos textos. É como se as imagens também estivessem prestando seus depoimentos para a composição da história e da memória da instituição. Um exemplo significativo é a fotografia que ilustra a entrevista de Etevaldo Dias: o presidente Fernando Collor, debaixo d'água, em um mergulho solitário. Ela é simplesmente perfeita para corroborar as palavras de Dias: "Collor alienou-se diante da crise" (v. 2, p. 231).

Quanto ao formato de entrevistas para atingir a finalidade de preservar a memória da Secretaria de Imprensa da Presidência da República, talvez não seja o mais objetivo. Não obstante a obra seja repleta de informações relevantes para o histórico da instituição, o leitor tem de se esmerar para alinhar cronologicamente os dados. Além disso, os entrevistados fazem diversas menções a várias pessoas e a muitos episódios, os quais são devidamente explicados nas notas quando necessário, trazendo uma avalanche de minúcias que, a certo ponto, cansam e desestimulam a leitura. É bom deixar claro, no entanto, que o que cansa a leitura não são as entrevistas em si, mas a quantidade de elementos introduzidos nas notas. As entrevistas são de fácil e muito agradável leitura. Apesar de terem linguagem cuidada, nos dão a impressão de que estamos em um bate papo bem informal e descontraído com indivíduos importantes, cheios de novidades e curiosidades para nos revelar.

A iniciativa da elaboração da obra é louvável, tendo em vista a escassez de trabalhos dedicados a documentar fatos na produção acadêmica sobre jornalismo no Brasil. As informações concedidas pelos entrevistados são complexas e ricas, de valor inestimável para a história nacional e para a democracia. Não fosse exatamente a falta dessa documentação – e isso se comprova na dúvida, expressa na apresentação de Singer, sobre quem foi precisamente designado o primeiro secretário de Imprensa –, *No Planalto, com a imprensa* não teria sua razão de ser. Contrariamente, nos Estados Unidos, por exemplo, não faltam livros de memórias de ex-secretários, de história, como *All the Presidents' Spokesmen*, de Woody Klein, de 2008, ou mesmo de teoria jornalística acerca da atividade da Secretaria de Imprensa da Casa Branca, como *Spin Cycle*, de Howard Kurtz, de 1998.

A partir dos depoimentos colhidos, da introdução de Singer, do ensaio de Duarte, das imagens editadas por Brito, das notas de Gomes, um painel de informações se configura, confirmando dados históricos, revelando novos, lançando luz sobre os bastidores da Presidência da República e, principalmente, alinhavando o desenvolvimento da função de secretário de

Imprensa e/ou porta-voz do mais alto escalão do poder no Brasil. Dessa forma, o objetivo da obra se cumpre: uma contribuição para o edifício da memória da instituição Secretaria de Imprensa da Presidência da República. Podem somar para essa iniciativa de preservação, documentos recolhidos ao Arquivo Nacional sob os títulos “Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República” (período de 1967 a 1985), “Gabinete Pessoal do Presidente da República” (de 1978 a 1999) e “Gabinete Civil da Presidência da República” (de 1920 a 1965).

André Singer, jornalista e ex-porta-voz, Mário Hélio Gomes, jornalista e escritor, Carlos Villanova, diplomata e ex-porta-voz, e Jorge Duarte, assessor da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, autor e organizador de vários livros na área de comunicação, disponibilizam uma obra que instiga a curiosidade, proporciona a reflexão sobre a política nacional e sobre a relação da imprensa com o poder, desvelando a relevância do jornalismo para a sociedade. Além disso, a publicação se revela prenhe de informações úteis tanto para a construção individual e coletiva de conhecimento e memória quanto para o desdobramento de futuras pesquisas.

---

Recebido em 7/5/2012

Aprovado em 1/6/2012